

O FEMININO EM EUCLIDES DA CUNHA: ENTRE O CÉU E O INFERNO

Lais Peres Rodrigues¹

RESUMO:

Neste artigo, destacaremos uma retórica enigmática de Euclides da Cunha sobre o feminino, que em seu comportamento emancipatório, surge na poesia do escritor como parte dominadora da relação amorosa, despindo o véu da virgindade. Ao evocarmos Baudelaire, faremos uma comparação do eu lírico euclidiano, o qual flana pelas esquinas cariocas, flagrando, entre outros tipos, a prostituta como vítima *spenceriana* da desigualdade social. No entanto, mostraremos que na poética euclidiana as musas pálidas, ingênuas, intocadas e santas também ocupam seu lugar, na maior parte das vezes, inseridas em cenários celestes ou matas serranas. Ainda, mostraremos o poeta como tematizador de sua orfandade, ao observarmos a figura fantasmagórica e angelical de sua mãe em sua poesia.

Palavras-chave: literatura, mulher, baudelaire

THE FEMALE IN EUCLIDES DA CUNHA: BETWEEN HEAVEN AND HELL

ABSTRACT:

In this article, we will give emphasis to an enigmatic rhetoric of Euclides da Cunha on the feminine figure, which in its emancipatory behavior emerges in the writer's poetry as a dominant part of the love relationship, stripping the veil of virginity. Evoking Baudelaire, we will make a comparison of the speaker, who walks by the corners of Rio, catching, among other types, the prostitute as a Spencer victim of social inequality. However, we will show that in Euclides poetics the pale, naive, untouched and holy muses also occupy their place, most of the time, inserted in celestial scenarios or mountain forests. Also, we will show the theme of his orphanhood, as we observe the ghostly and angelic figure of his mother in his poetry.

Keywords: literature, woman, Baudelaire

Introdução

As mulheres ocupavam espaço dúbio nas representações que Euclides da Cunha fazia delas. Desde pequeno, o escritor conviveu com a ausência de sua mãe, Eudóxia Alves Moreira, que, vítima de tuberculose, morreu aos vinte e sete anos, em 1869, quando o escritor tinha apenas três anos de idade. A questão da orfandade mexia profundamente com o

1 Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Rio de Janeiro; professora do Colégio Teresiano (Cap/PUC), também atua no curso de graduação em Tecnólogo em Segurança Pública do consórcio CEDERJ. Fez parte do Projeto de Extensão "100 Anos Sem Euclides", desenvolvendo atividades de fomento à cultura e leitura em escolas municipais de Friburgo e Cantagalo.

imaginário de Euclides, que tematizava em seus poemas sua mãe como uma figura angelical e santa.

Na ocasião da morte da mãe, Euclides e sua irmã, Adélia Pimenta da Cunha, vão morar com sua tia Rosinda Gouveia, irmã de Eudóxia, em Teresópolis (Ventura, 2003, pp. 36-37). Segundo o biógrafo do escritor Roberto Ventura, Euclides volta-se constantemente para a natureza a fim de se consolar da morte da mãe e da difícil instabilidade de sua infância:

Trocou, inúmeras vezes, de casa e colégio. Viveu, dos três aos dezoito anos, em Teresópolis, São Fidélis, Rio de Janeiro, Salvador e novamente no Rio. Passou por no mínimo cinco cidades e por seis colégios em pouco mais de dez anos, dos oito aos dezoito anos, até ingressar na Escola Militar da Praia Vermelha. (Ventura, 2003, p.38)

A juventude nômade foi causada, principalmente, pela morte prematura da irmã de sua mãe, que ocupou o espaço materno vazio temporariamente. Sua tia materna, Rosinda, morreu em 1871, pouco mais de um ano depois da chegada de seu sobrinho órfão. O pequenino Euclides foi levado, então, a São Fidélis, para viver na casa de sua outra tia, Laura Garcez.

Posteriormente, dos onze aos doze anos, Euclides foi morar com sua avó paterna em Salvador. Em seguida, voltou ao Rio para morar na companhia de seu tio paterno, no Largo da Carioca. Na capital carioca, passou por quatro colégios em seis anos (Ventura, 2003, p. 40). A falta que sentia do seio materno agravou-se na solidão gerada por mudar-se com frequência de residência.

Em sua poética, é possível perceber que as figuras maternas aparecem santificadas, assim como as mulheres que surgem pelas matas são idealizadas. O amor do sertão é um amor maior, em contraste com os amores e mulheres do espaço urbano.

As mulheres da cidade, a princípio retratadas como vítimas do sistema socioeconômico desigual, lançam-se à prostituição para sobreviverem. No entanto, condenadas à vida luxuriante, satisfazem-se e para o prazer vivem. Essas mulheres alcançam uma independência que assusta o eu lírico. Na verdade, mais do que isso, elas o dominam completamente. Dessa forma, na poesia de Euclides, há um entrelugar entre as figuras femininas das matas sertanejas, santificadas nas representações da mãe e de virgens do interior; em contraste com as do espaço urbano, representadas, em sua maioria, por prostitutas. Nas duas esferas, vida e morte surgem nesses versos, evocando sexualidade e redenção. Como explica Lúcia Castello Branco, em *Eros travestido*, a dialética da morte e vida está na base na experiência erótica da literatura, em geral (Castello Branco, 1985, p.16).

O Feminino atroz

Os poemas de Euclides da Cunha apresentam figuras femininas que se destacam por serem fortes e dominadoras. Através do uso da sedução e da astúcia, envolvem e fascinam o sexo oposto. É possível observar que muitos poemas de temática feminina utilizam expressões ligadas à morte, martírio e sofrimento. O poema “Fatalidade...”, de *Ondas*, apresenta um eu lírico que sofre a partir da rejeição do amor. Nestes versos, percebemos que o sujeito poético não acalenta mais esperanças de ter ao seu lado seu objeto amado e lança-se ao desespero de apagar da memória os momentos em que viveu a dois:

Fatalidade....

(à E....)

Ai, não me lembres do passado as cenas.
 Nem essa jura desprendida a esmo.
 F. Varela

Porque te não esqueço – ai! sim – quisera
 Olvidar-te mulher sim – te esquecer....
 Sim a ti – a mais rósea primavera
 Que vi fulgir no céu de meu viver –
 Sim a ti que a minh’alma altiva, inteira
 Co’um só olhar fundiste – a ti mulher
 Que fostes minha luz, meu céu, meu ar
 – Eu esquecer quisera....ai – olvidar!....

Porque te não esqueço – e do passado
 Porque deixando a muda solidão –
 Me vem o som dos beijos – tão gelado –
 No fundo me chorar do coração
 As tristes vênias do amor finado....
 E abrir-me n’alma as chagas da paixão....
 Porque – oh sempre a luz dum teu olhar
 A noute de meu peito vem rasgar?!....

Quisera te olvidar – doce agonia –
 ... Quanta vez – solitário, o olhar sem luz
 Visito a morte na região sombria
 – De mármore cheia a transbordar de pus....
 E a fronte descansando triste e fria
 Nos ombros negros de silente cruz –
 Mendigo ao Nada o seu bafejo atroz
 Das tumbas à mudez atiro a voz....

Quisera te esquecer – anjo maldito –
 Ah!... quanta vez no lábio meu sem cor –

Travando da blasfêmia a voz, o grito
 Sinto – triste no peito sem calor –
 Meu coração chorar – divino aflito –
 – Cheio de fel, de lágrimas – de amor –
 Chorar – chorar teu nome em dor mortal.
 Teu nome tão sublime...vil – fatal!...

E no entanto te amei... e te amo ainda.
 E tu? Se eu te esquecesse – a meu talento
 Peias – de teu olhar c'o a luz tão linda
 E embalde, desvairado, febril – tento
 Apagar no meu peito a flama infinda
 Que gera o desvario – mau – sangrento....
 – A desgraça – o marco das esperanças
 Amarrou meu porvir – nas tuas tranças!....

Jamais te olvidarei e só, errante –
 – Pobre juguete de um cruel destino –
 Só alcançarei a senda tão distante
 E espinhosa que atroz – cruel – ferino
 Um teu olhar trançou-me...e soluçante –
 Nesse atroz caminhar – sem fé – sem tino
 Eu só – eu só terei – a calma, a luz
 Prendida a alma nos braços de uma cruz...

Ah!... não conheces, não – as fundas dores,
 As vertigens tão más, cruéis delírios
 Que o peito me transbordam de negroses...
 Ai!... não conheces, não – os desvarios
 Que me tecem – pejados de negroses
 N'alma as geladas palmas dos martírios
 Ah! Tu não sabes não – te amo e padeço –
 Quisera te esquecer e...não te esqueço!...

Rio 3 Novembro 1883
 (Cunha, 2009, pp. 60-62)

O poema “Fatalidade...” aponta a amante como uma mulher de nome vil e fatal, porém o título nos faz crer que o fim do caso ocorreu sem que ninguém pudesse interferir, visto que fatalidades ocorrem sem que se possa evitá-las. Logo nos primeiros versos, o eu lírico reclama de sua vontade de esquecer a amada a despeito de não conseguir. A relação contrastante de querer e não poder é marcada, principalmente, através do paradoxo “doce agonia”, assim como também de “divino aflito”, que representam a dualidade de gostar das memórias, mas ao mesmo tempo não querer mais se lembrar delas.

Outra divergência surge a partir da quinta estrofe, em que o sujeito poético ataca a amada de forma mais pejorativa, dessa vez, através do apostrofo “anjo maldito” e do adjetivo “vil”, que exprimem ideias contrárias. A imagética angelical é diretamente conectada ao

divino, à bondade, criando, assim, o contraste com maldito e vil, termos conectados ao mal. Há, então, uma transformação no tom do poema, que passa a ser claramente mais agressivo, em contraste com a denominação “a mais rósea primavera” que a amante recebe na primeira estrofe. Os contrários aqui se complementam como se compusessem uma tensão harmoniosa.

A amada de “Fatalidade...” passa a dominar mais os pensamentos do sujeito, como podemos observar nos versos da sexta estrofe, em que o cabelo dela evoca uma imagem sedutora e é através dele que a amante prende o sujeito; suas tranças dão conta de amarrá-lo em zigue-zagues a fim de aprisioná-lo. Outra imagem ligada à dominação dessa mulher aparece nessa mesma estrofe, a partir do uso da forma verbal “peias”, que significa amarras, e nos faz recorrer ao campo semântico de dominação em que, nesse caso, o oprimido é o sujeito.

A dominação exercida pela figura feminina é tão forte que o eu lírico, em sua ausência, só vê abrandar a sua aflição se sua alma prender-se à cruz, como explícito nos versos “Eu só – eu só terei – a calma, a luz / Prendida a alma nos braços de uma cruz...”. Sua crucificação é uma expiação por ter sucumbido ao pecado da carne e concretizado o amor, estando agora solitário, conclusão a que se chega pelo efeito que o poeta provoca ao isolar a expressão “Eu só”, gerando a ambiguidade da palavra “só”, que tanto pode significar somente quanto solitário. Também podemos elucubrar que o amante, impossibilitado da posse do amor, prefere perecer.

Durante todo o poema, o sujeito poético não vê esperanças de que o romance tenha um final feliz, não há nenhum tipo de alusão a um possível futuro dos amantes juntos, os versos iniciais são tristes, assim como os finais.

O fato de o eu lírico já ter tido uma experiência concreta com essa mulher afasta-a da concepção da musa platonicamente idealizada, tão recorrente no romantismo inicial. A figuração da mulher em “Fatalidade...” assume concretude no poema, pois ela se relacionou com o sujeito poético, tem vontade própria e é mais forte que o homem-eu lírico. Hoje, o que resta desse “amor finado” por ela é o som gelado dos beijos de outrora, as tristes vênias, as chagas da paixão. No entanto, apesar de existir a exaltação da concretização carnal desse amor, há impossibilidade de continuação e vitória do sentimento. O choque entre a força feminina e a masculina desequilibra essa relação que se torna impossível.

Não à toa, o poeta escolhe como epígrafe os versos de Fagundes Varela, de “Deixame”, aludindo textualmente às juras feitas no passado e a esmo. Nesse poema, Varela

também exalta os momentos carnais que travou com sua musa, mas não a vê como um “anjo maldito”, somente quer esquecê-la e não consegue, como o eu lírico euclidiano, e continua vendo-a bela, comparada às flores, que, no poema de Euclides, estão no passado da “mais rósea primavera”.

O tema da moça pobre que encontra na prostituição a fuga da miséria aparece no poema dramático e no soneto. Dessa forma, poderemos observar como o poeta experimentou o mesmo tema em roupagens literárias diferentes. Em “Reminiscência”, de *Ondas*, a mulher aparece como senhora de suas próprias decisões e futuro. Inicialmente, a protagonista é apresentada como paupérrima, dona de uma áurea angelical e pura, que se transforma com o objetivo de escapar da miséria, como modo de sobreviver em meio a uma sociedade desigual:

Reminiscência [I]

Um dia a vi, nas lamas da miséria
 – Como entre pântanos um branco lírio –
 Velada a fronte em palidez funérea
 – O frio véu das noivas do martírio!... –

Pedia esmola – pequenina e séria –...
 Os seios, – pastos de eternal delírio, –
 Cobertos eram de uma cor cinérea –
 – Seus olhos tinham o brilhar do círio –

Tempos depois num carro – audaz, brilhante
 Uma mulher eu vi – febril, galante...
 Lancei-lhe o olhar e.... maldição!... Tremi...

Ria-se – cínica, servil –... faceira?...
 – O carro numa nuvem de poeira
 Se arremessou... e eu nunca mais a vi!...
 (Cunha, 2009, p. 68)

Esse poema demarca a noção do final do século XIX de que o indivíduo é uma condensação de seu meio social. Euclides, leitor de Spencer e suas teorias sociológicas que empregavam conceitos darwinistas, atribui o destino da personagem do soneto como consequência de seu meio.

Como nos lembra Lúcia Castello Branco, a literatura do final do século XIX, respaldada por teorias científicas, como a de Spencer, permite que o poeta penetre nos cantos escuros da sexualidade à margem e a desvende como objeto de estudo e não como perversão (1985, p. 51).

Por mais que a personagem observada por esse eu lírico estivesse na miséria, mesmo entre pântanos, ela ainda conservava um branco lírio. Podemos depreender uma pureza ímpar da personagem, pois, em um ambiente de pântanos, ela ainda é um lírio branco. O lírio é uma das flores mais delicadas da natureza, e a cor branca também está ligada ao campo semântico dessa delicadeza, assim como ao de pureza, de virgindade. A sua palidez funérea reforça a tensão contraditória dessa personagem porque corta um pouco da suposta beleza que poderíamos supor pela delicadeza do lírio, aproximando-a do Romantismo e suas musas pálidas.

A sexualidade no mundo ocidental foi se desenvolvendo a partir da noção cristã de pecado. A transgressão sexual passa a ocorrer na marginalidade, sem que se violem os preceitos de decoro e austeridade vigentes. As prostitutas passam a ser as musas do erotismo explícito, enquanto as virgens da elite são as lânguidas santificadas e intocadas pelo sexo. Aquelas, ligadas ao prazer, e estas, ao ato divino de procriação.

A infância da protagonista, marcada pela pureza em meio a um ambiente de miséria, a encaminha para um futuro certo ao qual está condenada. Enquanto permanecer pura, “noiva”, carregará um “frio véu”, sem toque ou carinho, e terá como único destino possível o martírio. Ou seja, se tornará uma mulher mártir por ter se mantido pura em meio à condenação que enfrenta por ter nascido onde nasceu.

A segunda estrofe revela que a personagem pedia esmolas. Novamente temos mais uma palavra que denota a fragilidade e delicadeza dela, “pequenina”, uma palavra no diminutivo. Porém, o adjetivo que a sucede dá um tom mais grave a ela. A personagem é séria. Nesse caso, através dessas três características, a de pedinte, pequenina e séria, chegamos a uma moça que, apesar de frágil, tenta lutar pela sua sobrevivência através da mendicância.

No segundo verso dessa estrofe, o eu lírico revela um desejo sexual pela pedinte ao dizer que seus seios eram “pastos de eternal delírio”, porém uma contradição é construída quando descobrimos que seu seio é coberto por uma cor cinérea, cinza. O observador vê nela sensualidade, mas que se dilui em seu estado de pobreza. Além disso, o fato de seus olhos possuírem o brilho do círio a eleva novamente a uma posição especial e envolvente.

A última parte é marcada por uma reviravolta da personagem, que deixa de ser uma pedinte para passar pelo eu lírico em um carro, se tornando audaciosa e brilhante, diferente do passado, quando era pálida e séria. Agora ela é uma mulher sem um véu frio, longe de

ser funérea, é febril e galante. Isso faz com que o eu lírico não se controle e, ao olhá-la, trema de excitação.

Euclides apresenta inovação em “Reminiscência” através da escolha do léxico e de sua abordagem temática. A imagem do carro associada à velocidade que a modernidade traz à sociedade do final do século XIX, a poluição dessa industrialização, como nuvem de poeira, e a prostituição como possibilidade de independência feminina dada como tema central, são exemplos de temas modernos que implicam um léxico que os acompanhe.

O soneto se encerra com a declaração do eu lírico de que ele jamais cruzou de novo com a personagem, acentuando uma das características da modernidade, a fugacidade das relações humanas, marcadas agora pelo fato de que as comunidades deixaram de ser pequenas vilas para se tornarem cidades grandes e as pessoas se perderam na “massa” da multidão, como se atravessassem apenas uma “curva de momento”, conforme a curiosa imagem expressa por Euclides em “Antes dos versos”, em ratificação à observação de Roberto Ventura, segundo o qual a capital carioca irritava o escritor, “com seu cosmopolitismo postiço e a presença ostensiva de bondes e automóveis” (Ventura, 2003, p. 243).

Berman, em *Tudo que é sólido se desmancha no ar*, aponta que o Baudelaire da calçada é diferente do poeta da sarjeta: “Na sarjeta, pessoas são forçadas a se esquecer do que são enquanto lutam pela sobrevivência” (Berman, 1993, p. 153). É possível observar também que, em “Reminiscência”, a heroína está a princípio na sarjeta lutando pela sobrevivência; lá não se reconhece quem é quem. Na calçada, as pessoas de diferentes classes sociais se reconhecem de acordo com seus costumes, gestos e roupas. Quando a personagem euclidiana sai da miséria, deixa de ser mártir da sobrevivência para tornar-se elemento da sociedade da calçada, uma prostituta.

A posição desse sujeito como um observador moderno, um *flâneur* que circula pela cidade identificando os tipos característicos das zonas urbanas, nos remete ao soneto “A uma passante”, de Baudelaire, magistralmente lido por Walter Benjamin em *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*.

O amor fugaz é o tema de Baudelaire nesse poema: “O encanto desse habitante da metrópole é o amor não tanto à primeira quanto à última vista” (Benjamin, 1989, p. 118). A modernidade traz o incômodo da multidão e as pessoas somente passam pelo eu lírico: a mulher é uma passante. De acordo com Berman, o homem moderno será o pedestre lançado no tráfego da cidade moderna, um homem que sozinho luta contra a massa. No entanto, se

esse homem sabe se adaptar ao caos e mover-se “dentro, ao redor e através do tráfego”, pode ir a qualquer parte, o que dará a ele diversas opções de experiências (Berman, 1993, p.154).

Em “A perda da auréola”, Baudelaire escreve:

– Meu caro, você conhece meu terror dos cavalos e das carruagens. Ainda há pouco, quando atravessava a toda pressa o *bulevard*, saltitando na lama, através desse caos movediço onde a morte chega a galope por todos os lados a um só tempo, a minha auréola, num movimento precipitado, escorregou-me da cabeça e caiu no lodo do macadame. Não tive coragem de apanhá-la. Julguei menos desagradável perder minhas insígnias do que ter os ossos rebentados. De resto, disse com meus botões, há males que vêm para o bem. Agora posso passear incógnito, praticar ações vis, e entregar-me à crápula, como os simples mortais. E aqui estou, igualzinho a você, como está vendo! (Baudelaire, 1995, p. 306)

De acordo com o pensamento poético baudelaireano, o poeta perde a auréola e vaga por entre a multidão captando suas relações. Essa perda do halo, segundo Berman, é uma verdadeira declaração de ganho, uma “redestinação dos poderes do poeta a uma nova espécie de arte” (Berman, 1993, p.155).

Matas virgens

Percebemos uma grande diferença que existe para o eu lírico euclidiano com relação ao amor campesino e o amor da urbe. A mulher das ermas paragens é mais dócil e inofensiva. Já a mulher da cidade lhe traz medo, o esnoba, é vil, fatal e, ao mesmo tempo, vítima do destino. Há uma lírica euclidiana que opõe o ermo e o cidadão e se estende por inúmeros versos, sempre obtendo marcas diferentes de expressão, ora políticas, ora sentimentais. Nos espaços ermos, as mulheres adquirem traços castos, enquanto, no litoral, aniquilam o homem, são frias e vis.

O poema a seguir, de 1905, enviado através de cartões-postais a, pelo menos, duas pessoas, José Veríssimo e Machado de Assis, traz a figura da mulher habitante do interior e sua figuração dócil e encantadora:

Nestas choupanas de roça,
De aparência tão tristonha,
Mora, às vezes, uma moça
Gentilíssima e risonha.
E o incauto viajante
Quase sempre não descobre
A moradora galante
De uma choupana tão pobre.

E passa na sua lida,
 Para a remota cidade,
 Deixando, às vezes, perdida
 Num ermo, a Felicidade...
 [Manaus – 5-2-905]
 (Cunha, 2009, p. 326)

Observa-se a grande diferença existente entre essa mulher e a figura atroz das cidades, que também é pobre, como ela, mas vive numa miséria de valores. A felicidade aqui está no caráter simples da choupana e da própria inocência da mulher, “risonha”.

Outro poema, “Estâncias”, publicado na *Revista da família acadêmica*, em 1888, cria, também, imagens da natureza conectadas à mulher. As metáforas com cenas do universo das matas e do céu serão recorrentes na poesia amorosa de tônica mais otimista.

“Estâncias” mostra os olhos da amada como “sóis – entre sonoras flamas -”:

Estâncias

Les beaux yeux sauvent les beaux vers!...
 (V. Hugo)

Meu pobre coração tão cedo aniquilado
 Na ardência das paixões – ó pálida criança –
 Revive à doce luz do teu olhar magoado
 E cheio de ilusões, de crenças e esperança

Faz o castelo ideal das louras utopias
 – Com os brilhos desse olhar e o ouro de tua trança! –
 Quando sobre as sombrias

Ondas – vasto o luar esplêndido se espalma
 De todo o seu negror, arranca as ardências
 De teus olhos assim à luz divina e calma
 Dimanam – cintilando – as ilusões e os versos

Das sombras de minh’alma...
 E sonho e canto e rio e me deslumbro... imersos
 – No místico luar que sobre mim derramas –
 Fulguram como sóis meus ideais dispersos!...
 Fulguram como sóis – entre sonoras flamas –

Partindo no meu peito a tétrica penumbra
 E o silêncio fatal de dolorosos dramas...
 E tudo hoje ante mim tem luz, tem voz – deslumbra –
 Pois – tal como dos sóis a claridade instila
 De cada um ideal – uma canção ressumbra –
 E em cada uma canção – o teu olhar cintila...

S. Paulo – Janeiro de 1888

(Cunha, 2009, p. 261)

O universo ermo recebe melhor a lírica, fato comprovado pelo uso de termos ligados a poesia, como “estrofe”, “verso”, “ditirambo” e “canção”. Esse acolhimento se dá no espaço celeste da mesma forma. Na verdade, é o espaço cosmogônico puro, intocado pelo homem, onde a vilania torpe da modernidade não alcança, que se desenvolve a lírica das virgens de ideais amores.

No poema a seguir, escrito em 1888, publicado no *Jornal do Comércio*, em 1908, observamos a ligação entre as estrelas e os olhos da amada:

Há nos teus olhos escuros
Tantas centelhas, que ao vê-las
Penso na treva e nos brilhos
Das noites cheias de estrelas...
Penso em cousas singulares,
Indagando entre delírios:
Por que é que os céus ainda brilham?
Por que não se apaga Sírius?
(Cunha, 2009, p. 257)

É possível perceber que mais do que às matas, a mulher casta está associada à natureza santificada, seja nas cachoeiras, matas, seja no céu e nas estrelas. A grandiosidade delas se coaduna ao infinito dos céus, enquanto as mulheres da urbe estão conectadas ao infinito revoltoso dos mares.

O poema a seguir recebeu três versões diferentes, primeiro com o título “Comparação”, em *Ondas* (Cunha, 2009, p. 180), depois, em 1908, publicado na *Revista da Família Acadêmica*, com o título “Stella” (Cunha, 2009, p. 364); e por último, como poema sem título, publicado no *Jornal do Comércio*, também no ano de 1908. Essa última versão será a que analisaremos a seguir:

“Eu sou fraca e pequena...”
Tu me disseste um dia.
E em teu lábio sorria
Uma dor tão serena,
Que em mim se refletia
Amargamente amena,
A encantadora pena
Que em teus olhos fulgia.
Mas esta mágoa, o tê-la
É um engano profundo.
Faze por esquecê-la:

Dos céus azuis ao fundo
 É bem pequena a estrela...
 E no entretanto – é um mundo!
 (Cunha, 2009, p. 426)

Nesse poema, novamente a beleza da mulher aparece associada a espaços celestes. O caráter inofensivo e pequenino entra em contraste com a mulher fatal que se lança à concretização do amor.

A mulher desse poema, apesar de ser infinita como os céus, é fraca e pequena, precisa ser cuidada, precisa do elemento masculino, que a aconselha como um mentor a esquecer essa mágoa. A outra mulher não precisa de mentores, é independente; se não tem dinheiro, não fica na miséria, corre até a prostituição.

O órfão

É recorrente, nos poemas euclidianos com figuras femininas, a imagem do órfão. O poeta perdeu a mãe com apenas três anos de idade e, em seguida, aos cinco anos, a tia com quem foi viver faleceu também. Desde então, morou em diferentes lugares, vivendo em casa de parentes, sempre reclamando a ausência maternal. Segundo dados familiares, existe um poema de Euclides chamado “O órfão”, primeira produção dele, cujo manuscrito se perdeu. O fato de o primeiro poema do escritor tematizar a ausência materna denota a importância dessa questão para o desvendamento de sua poética.

Em “Sonhando...”, de *Ondas*, o poeta tematiza a saudade maternal, como se observa a seguir:

Sonhando...

De um sonho à doce bafagem
 Eu fui um dia levado,
 – Que dolorosa viagem –!
 Às solidões do passado!

Que triste lugar... apenas,
 Por entre as urtigas – dores –
 Sorriem – tristes, serenas
 De morto ideal as flores...

É de lágrimas o solo
 Aonde – ao pé da soidade –
 Levanta o nevado colo
 Uma só flor – a saudade...
 Nem um riso ali esvoaça –
 E por entre as trevas densas
 Chora o vento da desgraça

Sobre as ruínas das crenças –
Mil noutes ali se abraçam,
Mil noutes ali deslizam

– E os choros nos ares passam
Das ilusões que agonizam
Os sonhos por terra jazem...
Além, – do mundo a ironia
E mais a dor, torvas fazem
A bacanal da agonia!...

Que triste lugar... dum lado
Cinéreo um berço se eleva
De frios prantos velado...
Em frente se estende a treva!...
Mas, essa treva rasgando

Longe, longe – trêmulo, – eu fito –
Uma estrela cintilando,
De Deus no manto infinito...,
Como brilha – cristalina –
Do passado no horizonte –
Num beijo de luz divina,
Cingindo-me a triste frente!...

Como é bela – assim – fulgente –
Por entre a caligem' imensa...
Como o seu brilho tremente –
Me inunda o peito de crença! –
Como o seu brilhar é lindo...

Que Aurora – nos raios seus...
Oh! ela é um elo infindo
Que liga minh' alma a Deus...
E quanta magia tem...
Oh! quanta magia exprime... –
É a alma de minha mãe
– Meu Deus!... que lugar sublime...

29 Novembro 1883
(Cunha, 2009, pp. 111-113)

Nesse poema, é possível observar como a natureza exprime a desolação interior do eu lírico, como em “é de lágrimas o solo” ou “o vento da desgraça”. O caráter fúnebre consta em todo o poema, que destaca, por exemplo, o berço, objeto comumente associado a um vocabulário mais ameno, como cinéreo.

A figura santificada da mãe aparece como consoladora a partir da oitava estrofe, a fim de “rasgar as trevas” e dar carinho ao rebento. Aqui a retórica do feminino é santificada,

imaculada e conectada diretamente a Deus, apesar de estar morta, a partir do seu aparecimento, o poema converte as névoas em luz cristalina.

Biograficamente, segundo Sangenis e Sangenis, Euclides dizia se sentir perseguido por uma fantasmagoria corporificada em uma mulher de branco, supostamente encarnando sua mãe (Sangenis; Sangenis, 2013, p. 47).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analizamos uma retórica atroz do feminino que destaca a mulher como figura dominante na relação, despindo seu véu da virgindade. Ao observarmos essa mulher moderna, notamos a influência baudelairiana na estupefação das esquinas movimentadas das grandes cidades, nas quais a miséria e a corrupção esbarram-se o tempo todo.

Percebemos como Euclides equilibra as influências baudelairianas e spencerianas, ao tratar a prostituta como construção da desigualdade social.

No entanto, também analisamos figuras femininas presas a valores estéticos do início do romantismo brasileiro, virgens pálidas, intocadas e ingênuas, ocupando espaços celestes ou ermas paragens.

Ainda, vimos a figura materna colocada como um fantasma para o poeta, que ao longo de sua vida sempre encarou a orfandade como um grande trauma.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUETTANT, Louis. *Lecture de Baudelaire*. Paris: L'Harmattan, 2001.

BAUDELAIRE, Charles. *As flores do mal*. Trad. Ivan Junqueira. São Paulo: Saraiva, 2012.

_____. *Pequenos poemas em prosa. Spleen de Paris*. Trad. Dorothée de Bruchard. São Paulo: Hedra, 2007.

BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. Trad. José Martins Barbosa, Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1989. [Obras escolhidas III].

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Trad. Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

BRANCO, Lúcia Castello. *Eros travestido: um estudo do erotismo no realismo burguês brasileiro*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1985.

COELHO, Teixeira (Org.). *A modernidade de Baudelaire*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra S/A, 1988.

_____. *Euclides da Cunha: poesia reunida*. Leopoldo Bernucci e Francisco Foot Hardman (Orgs.). São Paulo: Ed. Unesp, 2009.

_____. *Obra completa*. Organização de Paulo Roberto Pereira. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2009, vv. 1 e 2.

LEVIN, Orna Messer. “Introdução”. In: Varela, Fagundes. *Cantos e fantasias e outros cantos*. Organização de Orna Messer Levin. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

SANGENIS, Anabelle Loivos; SANGENIS, Luiz Fernando. *Euclides da Cunha: da face de um tapuia*. Niterói: Nitpress, 2013.

VARELA, Fagundes. *Cantos e fantasias e outros cantos*. Org. Orna Messer Levin. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

VENTURA, Roberto. “Euclides da Cunha: esboço biográfico”. In: CARVALHO, Mauro Cesar & SANTANA, José Carlos Barreto. (Ogs.). *Retrato interrompido da vida de Euclides da Cunha*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

Enviado em: 13-07-2017

Aceito em: 19-12-17